

## **Representações do Rio de Janeiro nos anos 50: o paraíso tropical ameaçado**

*Representations of Rio de Janeiro in the 50's: the tropical paradise threaten*

Marlise Regina MEYRER<sup>1</sup>

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar as imagens da cidade do Rio de Janeiro publicadas nas fotorreportagens da revista *O Cruzeiro* na década de 1950. Cenário mais difundido na revista, o Rio de Janeiro foi representado nas reportagens de forma dicotômica. De um lado, era a “Cidade Maravilhosa”, com praias da moda e espaços de lazer da elite e das classes médias urbanas; era o “Brasil exportação”. De outro lado, era o *locus* dos problemas do crescimento acelerado e sem planejamento, evidenciando a preocupação com o comprometimento da imagem símbolo do país, ameaçada por esse crescimento desordenado.

Palavras-chave: Imagem; Cidade; Rio de Janeiro; Revistas ilustradas

ABSTRACT: This article examines images of the Rio de Janeiro published in the photo reports of the magazine “*O Cruzeiro*” in the 50's. One of the main themes of the magazine, the city of Rio de Janeiro was represented in these reports in a dichotomic way. On one side, Rio was the “Marvelous City”, with the elite's fashionable beaches and leisure spaces and an urban middle class, it was the “Brazil for export”. On the other hand, it was the center of problems derived from an accelerated growth lacking urban planning, which compromising the image of the country's city symbol, threaten by the unorganized urban growth.

Keywords: Image; City; Rio de Janeiro; Illustrated magazine

O presente trabalho objetiva analisar as imagens do Rio de Janeiro veiculadas na revista *O Cruzeiro* na segunda metade da década de 1950. O *Cruzeiro* era, na época, a principal publicação de seu segmento, o das revistas ilustradas, integrando, assim, o maior conglomerado de comunicação do Brasil, os Diários Associados. Único veículo a difundir imagens do país na maior parte do território nacional, a revista teve um importante papel na construção da memória visual do espaço brasileiro e, portanto, na representação do espaço nacional.

---

<sup>1</sup> Profa. Dra. em História pela PUC/RS. Professora da FACCAT – Faculdades Integradas de Taquara.

No contexto dos anos 1950, o Brasil apresentava-se pleno de possibilidades numa trajetória irreversível rumo ao futuro que tinha: como ponto de chegada, o mundo civilizado, identificado com os países desenvolvidos. O país parecia ingressar definitivamente no mundo ocidental capitalista. No que diz respeito ao aspecto econômico, as ideias acerca do desenvolvimento nacional estavam na agenda dos intelectuais e economistas da época.

Em consonância com esse novo tempo e com o estabelecimento da sociedade urbana como hegemônica, o desenvolvimento dos meios de comunicação e, sobretudo, o recurso à utilização de imagens contribuía para encurtar o caminho entre a leitura e a apreensão de informações. Desde o seu surgimento, no século XIX, a fotografia emergia como uma *janela para o mundo*, atuando diretamente no observador de modo sensorial, enquanto a palavra escrita permanecia como abstração, dependente de que a pessoa lesse, compreendesse e refletisse, para então assimilar, ou não, a informação, segundo Gava (2003). Para Souza (2000), a informação foto-visual ultrapassou o caráter meramente ilustrativo, uma vez que passou a privilegiar a imagem em detrimento do texto, o qual, muitas vezes, reduziu-se a legendas. É nesse contexto que a revista *O Cruzeiro*, pioneira na utilização da fotorreportagem, tornou-se um dos principais veículos de comunicação do país.

Essas transformações na sociedade brasileira foram acompanhadas por uma busca de afirmação cultural liderada, principalmente por parte da elite brasileira, que entendia que a definição de uma cultura nacional era um dos elementos necessários para o ingresso do país na modernidade e para seu reconhecimento como integrante do mundo civilizado. Partilhando desse ideal, a revista *O Cruzeiro* atribuía-se o papel de “civilizador”, orientada, nesse sentido, pelo seu proprietário, Assis Chateaubriand, que advogava a “reeducação pelo capitalismo”. Para pôr em prática tal objetivo, empenhou-se em construir e difundir determinados padrões de comportamentos e de cultura mais adequados ao modelo de desenvolvimento que a revista e o seu proprietário defendiam, participando, assim, da luta propriamente simbólica pela imposição de uma determinada visão do país.<sup>2</sup>

Assim, acreditamos que *O Cruzeiro*, através de reportagens recheadas de fotografias, ajudou a produzir um discurso sobre o nacional, no qual a diversidade física e cultural do país aparecia como um traço característico da brasilidade, ou seja, as particularidades regionais transmutavam-se em nacionais, unificando as diferenças.

---

<sup>2</sup> Lutas simbólicas entendidas aqui conforme Bourdieu (1992, p. 14): Luta pelo poder de “fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) [...]”.

Desse modo, a revista construiu e difundiu uma determinada imagem da nação<sup>3</sup>, contribuindo para a formação de uma identidade nacional.

Essa identidade tinha por base o exotismo das paisagens brasileiras composto por praias paradisíacas, florestas naturais (as quais incluíam o elemento indígena), numa continuidade da visão edênica do país, presente desde os relatos dos descobridores europeus e, posteriormente, dos viajantes “científicos”, sendo que essa imagem do Brasil como natureza se cristalizou definitivamente com o ufanismo de Afonso Celso, no início do século XX. A revista, nesse sentido, veiculava imagens tecnicamente bem elaboradas, muitas delas coloridas, cujas cores remetiam ao tropicalismo do país. O contraponto dessa imagem era São Paulo, que aparecia como o carro-chefe da nação, representando o progresso e a riqueza nacionais. Contudo, o símbolo do Brasil por excelência, entendido como patrimônio cultural do país, era, sem dúvida, o Rio de Janeiro. Cartão de visitas - especialmente para os turistas estrangeiros -, lugar da moda, do moderno, do novo, espaço de circulação da nova burguesia brasileira, *lócus*, sobretudo, de um novo estilo de vida: o modo de vida burguês europeu adaptado aos trópicos. Essa imagem, no entanto, aparecia na revista como ameaçada pelo acelerado processo de urbanização e, com ele, o avanço das massas sobre os espaços até então destinados à burguesia emergente.

Nessa perspectiva, Oliveira (2002) salienta que o Rio de Janeiro é a cidade mais “iconografada” do Brasil, e, mesmo antes da fotografia, os pintores viajantes já retratavam as paisagens tropicais da cidade em suas aquarelas, antes do século XX quando as imagens passaram a ser fotográficas. Entre 1900 e 1930, a produção fotográfica foi realizada principalmente por Augusto Malta, fotógrafo contratado pela prefeitura e incumbido de registrar as reformas empreendidas na cidade durante a gestão Pereira Passos.

Levando em consideração que O *Cruzeiro* foi a primeira grande revista ilustrada do país a atingir todo o território nacional, sendo pioneira na técnica da fotorreportagem, poderíamos dizer, inclusive, que ela contribuiu senão para a construção, para a divulgação desse “postal” do Rio de Janeiro e, por conseguinte, do Brasil. O Rio de Janeiro era, de longe, a paisagem mais divulgada na revista; era o cenário para os mais diferentes personagens: misses, artistas internacionais, políticos nacionais e estrangeiros e até mesmo chefes da Igreja Católica. A cidade era, segundo a própria avaliação da revista, “a mais bela moldura do mundo”.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Entendendo nação não como uma entidade política, mas como um sistema de representação, ou seja, como um conjunto de significados; nação como uma comunidade imaginada através de símbolos e representações, conforme Hall (2003).

<sup>4</sup> Referência ao fato de a cidade sediar o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. **Praça da Fé. O Cruzeiro**, 6 ago. 1955.

Mesmo tendo reconhecimento como patrimônio nacional, a revista reforçava e divulgava imagens já consagradas pelo público, como a Bahia da Guanabara e a praia de Copacabana, ao mesmo tempo em que reelaborava e construía novos lugares que adquiriam outras funções, especialmente para a recente elite urbana que se modernizava e ansiava por outras formas e espaços de lazer. Atividades como a *Motonáutica* (O *Cruzeiro*, 21 jan. 1956, p. 24) foi matéria a ilustrar uma das capas da revista, e tinha como cenário a Lagoa Rodrigo de Freitas. Mesmo que o tema fosse o esporte em questão, havia um cuidado especial na produção das fotografias em destacar a paisagem em cores. O *Cruzeiro* (22 jan. 1955, p. 12) informava ainda aos leitores que a *Gávea and Coutry Club* era uma opção diferente da praia, mais popular, e da serra, um local democrático, atraindo, com isso, também a classe média (fig. 1). A Gávea seria aristocrática, feita “só para acolher os bem postos na vida. Daí a ideia de ordem, fineza, nobreza, mesmo que vem de lá dos esportes, como se fossem em terras inglesas, embora sem direito a fog, porque, o que há, mesmo, é o verão tropical, brasileiríssimo” (O *Cruzeiro*, 22 jan. 1955, p. 12):



Figura 1: Gávea Verde. O *Cruzeiro*, 22 jan. 1955, p. 12.

Com esse mesmo propósito, de construção e de divulgação de novos espaços de lazer “civilizados,” em janeiro de 1955, a revista publicava duas matérias sobre a praia do Arpoador. Na primeira delas, intitulada “O primeiro domingo de verão no Arpoador” (O *Cruzeiro*, 8 jan. 1955, p. 90), a reportagem, apesar de destacar as belezas naturais do verão carioca, chamava a atenção para os problemas de infra-estrutura decorrentes do rápido crescimento da referida praia, a incidência de roubos de carros e a necessidade de um maior policiamento. Na semana seguinte, a revista voltava com outra reportagem sobre o mesmo local, desta vez intitulada “Maré Baixa” (O *Cruzeiro*,

15 jan. 1955, p.06), na qual a praia foi descrita como o lugar de lazer das pessoas “de bem” do Rio de Janeiro, “... onde estão as mais belas mulheres e para onde correm todos os rios, inclusive os do dinheiro” (fig. 2). Anunciava, também, a sua potencialidade turística para atrair, inclusive, estrangeiros; era a cara do “Brasil de exportação”, segundo as próprias palavras do redator: o Arpoador é “... uma das raras coisas que o Brasil poderia exportar consciente do absoluto sucesso internacional”. Essa possibilidade de riqueza material decorrente da exploração racional da natureza era evidenciada na legenda de uma foto que retratava as frequentadoras da praia, provavelmente “socialites”, como a que segue: “Esta foto prova que todos os rios correm para o mar, inclusive os do dinheiro”.

A revista construiu a imagem da praia do Arpoador como próprio símbolo do verão carioca e, por conseguinte, da tropicalidade do país, imagem que se queria exportar. Nas duas reportagens, aparecem duas fotografias de página inteira praticamente idênticas, repetindo o mesmo ângulo: uma vista da praia em direção ao horizonte que aparece como um semicírculo, insinuando a sua posição em relação ao mundo. Mais uma vez, a legenda orienta a leitura nesse sentido, dizendo: “Até a terra exibe suas curvas na praia do Arpoador” (O *Cruzeiro*, 15 jan. 1955, p. 8-9).



Figura 2: Maré Baixa. O *Cruzeiro*, 15 jan. 1955, p. 10-11.

O *Cruzeiro* atribuía a si próprio a função de classificador e divulgador das belezas naturais do país como produto a ser exportado. Os repórteres percorriam o Brasil destacando (no sentido literal da palavra) a natureza e reivindicando sua exploração enquanto produto turístico. O papel de construtor da imagem foi descrito pela própria revista: “Foi esta revista quem super-povoou o Arpoador” (O *Cruzeiro*, 15

jan. 1955, p. 8), exemplos que nos orientam no entendimento de que essas imagens-símbolo do país foram, em parte, construídas e difundidas pela revista.

Para além das imagens ensolaradas e descontraídas do Rio de Janeiro, a cidade representava, ainda, a capital do país. Sede do Distrito Federal, era um grande centro, acumulando atividades econômicas e administrativas, levando à intensa concentração populacional, a qual acabou gerando problemas de infra-estrutura como habitação, saneamento, trânsito, marginalidade, entre outros. O *Cruzeiro* não ficou alheio a tais questões, tratando de reproduzir também essa imagem da Cidade Maravilhosa.

O Rio de Janeiro já havia passado por uma fase de modernização urbana, no início do século, conhecida como a reforma Pereira Passos, cujo objetivo era “implantar a modernidade, o progresso e a civilização” (Oliveira, 2002, p. 159) na Capital da República, tendo como referência a cidade de Paris. Posteriormente, outros planos tiveram o mesmo propósito de remodelar o espaço urbano do Rio de Janeiro, como o Plano Agache (1927-1930) e o Plano da Cidade (1937-1945) aos quais se seguiram outros após a década de 1960.

A esse propósito, Resende (2002) analisa uma sequência de planos que buscaram o ordenamento urbano da cidade, mas que fracassaram na sua implementação. A autora, num olhar panorâmico sobre a história do desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro, refere-se à falta de planejamento na apropriação da área urbana. Entretanto, essa ausência correspondeu a uma abundância de leis sobre a regulamentação da ocupação do solo urbano que, segundo a autora,

*limitaram-se a referendar os caminhos espontâneos do crescimento da cidade e as tendências já existentes [...],sendo que a alteração das relações sociais e melhoria das condições de acesso aos bens sociais pelos grupos de diferentes níveis de renda não se encontravam entre os motivos e objetivos dessas normas (RESENDE, 2002, p. 276).*

Nos anos 50, os contornos da cidade já estavam definidos, passando por um processo de adensamento dos espaços já ocupados e a legislação somente referendava as tendências, já expressas no espaço construído, restando pouco para o planejamento como projeto de mudança. Para acomodar a tendência de crescimento já constatada, bastava alterar a legislação, conforme o trecho elucidativo abaixo:

*Dentro dessa perspectiva, em 1948 é editada a Lei nº 285/48, que permite a divisão da propriedade em parcelas autônomas em edificações de dois ou mais pavimentos em um mesmo lote. Antes disso, conforme o Decreto Legislativo nº 5481/28, a divisão da propriedade em parcelas só podia se dar em edificações com cinco ou mais pavimentos, ou seja, nas áreas centrais e mais nobres. Com a nova lei torna-se possível a existência de duas casas em um mesmo lote, criando-se a possibilidade de duplicação da população residente nos subúrbios da cidade. (ibid. p. 266).*

Essas questões, referentes aos problemas urbanos, foram objeto de várias reportagens de *O Cruzeiro* no período estudado. Entre elas, os principais títulos são: “Os Zebus de Pedra” (*O Cruzeiro*, 14 maio 1955, p. 42), referente à especulação imobiliária no Rio de Janeiro; “Rio, o Recordista da Morte” (*O Cruzeiro*, 14 nov. 1955, p. 14), sobre acidentes de trânsito; “A Batalha do Trem Elétrico” (*O Cruzeiro*, 31 março 1956, p. 66), uma crítica à insuficiência dos transportes coletivos; “Cidade Garagem” (*O Cruzeiro*, 22 set. 1956, p. 80), sobre os problemas da falta de estacionamentos na cidade; “Copacabana sem Retoque” (*O Cruzeiro*, 5 maio 1956, p. 32), sobre o escoamento do esgoto da cidade; “Metropolitano Carioca” (*O Cruzeiro*, 8 set. 1956, p. 60) quanto ao projeto de um metrô para o Rio e “Água”, referente à falta de água tratada. Todas essas reportagens ocupavam em torno de cinco ou mais páginas cada uma, com muitas fotografias. Dentre elas, selecionamos apenas algumas como exemplos, pois, em geral, elas podem ser resumidas como críticas à infra-estrutura da cidade que não teria se adequado ao crescimento, além de ser comum a todas a cobrança de soluções pelo poder público, bem como acusações de ingerência nesse setor.

A primeira reportagem selecionada é a comemorativa ao aniversário da cidade, “O Rio faz 388 anos” (*O Cruzeiro*, 22 jan. 1955, p. 4), a qual se destaca entre as demais pela qualidade de suas imagens, na maioria fotografias aéreas de diferentes panoramas da cidade (fig. 3, 4 e 5) e pela quase ausência de material verbal, limitando-se estes às legendas. Embora a beleza seja evidenciada, as legendas vão orientando o leitor sobre as ameaças que pairavam sobre o cenário paradisíaco. Já de início, sobre uma fotografia aérea de Copacabana (fig. 3), que ocupa duas páginas, podemos ler: “Ainda é uma cidade maravilhosa [...] quando vista de cima, como nesta reportagem”. Na página seguinte, ao centro, duas imagens do Rio de Janeiro, uma de 1929 e outra de 1955 (fig. 4) cuja legenda diz: “Em 1929 o Rio contava com um arranha-céu... hoje possui centenas deles. Será vantagem?” (*O Cruzeiro*, 22 jan. 1955, p. 6-7).

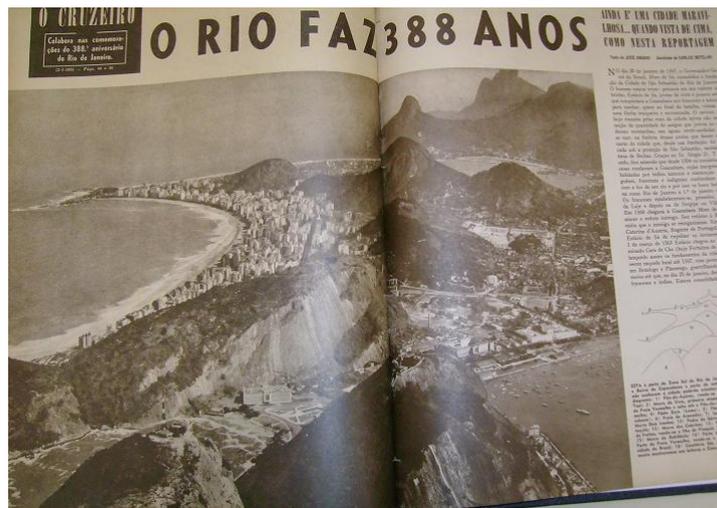


Figura 3: O Rio faz 388 anos. *O Cruzeiro*, 22 jan. 1955, p. 4-5.

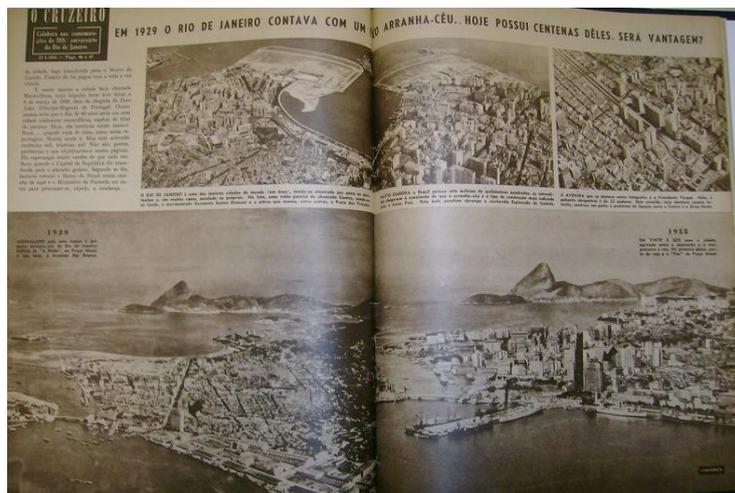


Figura 4: O Rio faz 388 anos. *O Cruzeiro*, 22 jan. 1955, p. 6-7.

Na sequência, mais quatro fotografias retratam os bairros da zona sul: Ipanema e Leblon; Copacabana; Jardim Botânico e Gávea; Botafogo e Flamengo, e finalizando a reportagem, numa página dupla, uma gigantesca foto do centro da cidade (fig. 5) se destaca com a legenda: “Grandes edifícios, milhares de automóveis, muito sol, e muito calor: Eis o centro do Rio” (*O Cruzeiro*, 22 jan. 1955, p. 10-11).

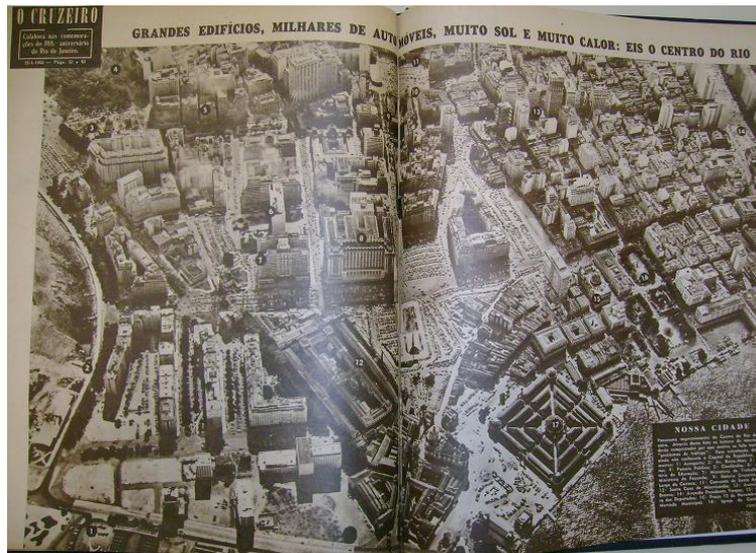


Figura 5: O Rio faz 388 anos II. *O Cruzeiro*. 22 jan. 1955, p. 10-11.

Como podemos ver, esta reportagem chama a atenção pela beleza das paisagens retratadas. As fotografias, num total de treze, estão todas dispostas linearmente e rigidamente organizadas. A crítica é sutil e somente entendida pela leitura das legendas. Não podemos esquecer que é uma reportagem comemorativa e, nessas ocasiões, sugere-se o elogio e não a crítica ao aniversariante, ainda que, mesmo assim, ela “deixasse à mostra” a contradição presente na sequência de reportagens sobre o Rio de Janeiro.

Radicalmente diferente da anterior, tanto no conteúdo quanto na forma, “Os Zebus de Pedra: o dramático presente do país do futuro” (*O Cruzeiro*, 14 maio 1955, p. 42) é uma reportagem de seis páginas que chama a atenção pela composição e disposição de suas imagens (fig. 6). Todas as fotografias são montagens com sobreposição de imagens para as quais utiliza recursos como marcadores e recortes irregulares. O tema, conforme já referido, é uma crítica à especulação imobiliária e ao crescimento vertical e desordenado da cidade, que estaria descaracterizando o Rio de Janeiro, especialmente a Zona Sul, até então reduto das classes mais favorecidas, diferentemente de agora, quando está sendo dominada pelos pequenos apartamentos de um só cômodo que o autor denomina de “cabeças de porco”.

A primeira fotografia ocupa duas páginas e joga com os contrastes de luz e com a sobreposição de imagens. Sob um fundo escuro, aparecem literalmente empilhadas, de forma desordenada, várias fotos de edifícios da cidade de diferentes alturas e de diferentes épocas e abaixo, prédios mais antigos, sendo empurrados por outros mais modernos e mais altos.



Figura 6: Os Zebus de Pedra. *O Cruzeiro*, 14 maio 1955, p. 42-43.

Nas duas páginas seguintes, vemos, à esquerda, apenas um texto explicativo do processo histórico que teria conduzido à situação atual e, à direita, toda página coberta por uma composição de anúncios imobiliários na zona sul (fig. 7). Vemos ainda que uma “faixa” transversal aparece em destaque sobre esses recortes, anunciando: “O Rio cresce para o sul” (*O Cruzeiro*, 14 maio 1955, p. 44-45), e, abaixo, ocupando as duas páginas, uma “tira” de imagens de prédios, todos com o mesmo padrão:

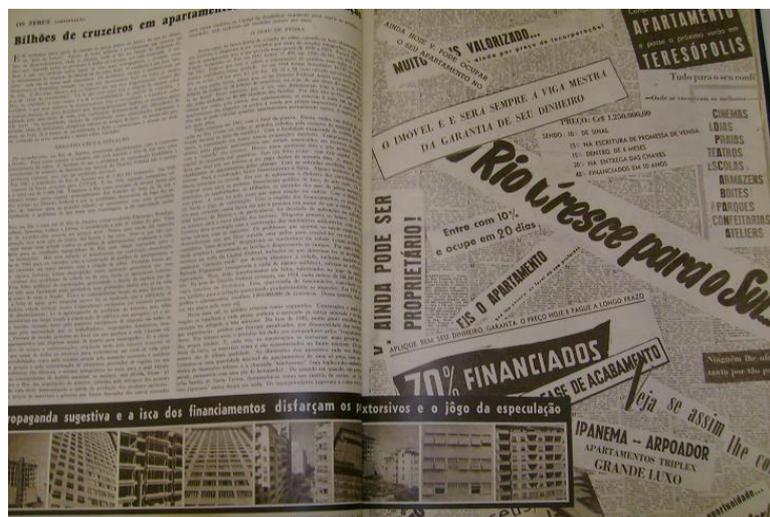


Figura 7: Zebus de Pedra. *O Cruzeiro*, 14 maio 1955, p. 44-45.

Já as duas últimas páginas trazem outra composição elaborada das imagens, garantindo o efeito negativo dado ao aspecto do crescimento desordenado da cidade. Ao centro, um pequeno texto que tem como título: “Cabeças de porco a preços de luxo” (*O Cruzeiro*, 14 maio 1955, p. 46-47) comenta sobre a profusão dos pequenos

apartamentos em Copacabana e sobre os elevados preços pagos por eles, exemplo dado por um círculo sobre um possível anúncio de um desses imóveis que chama a atenção do leitor (fig. 8). O bloco central “espremido” por duas imagens, uma de cada lado, de prédios mal cuidados, onde sobressaem as roupas estendidas nas janelas e sacadas, simboliza sua ocupação por pessoas de baixa renda que “enfejavam” a paisagem, a qual estaria destinada à exportação”, como indica a legenda: “Copacabana pelo avesso” (O Cruzeiro, 14 maio 1955, p. 46 ), ou seja, mostrava-se, aqui, o outro lado de Copacabana, aquele que deveria ser extirpado como no período da Reforma Pereira Passos:

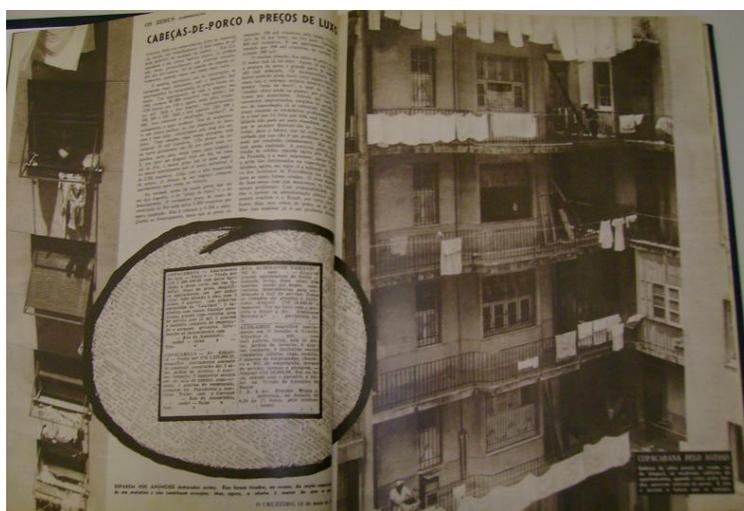


Figura 8: Zebus de Pedra II. *O Cruzeiro*, 14 maio 1955, p. 46-47.

Se fizermos uma leitura mais atenta dessa reportagem, ela revela uma preocupação além da puramente estética, pois, na realidade, o avanço de pequenos apartamentos na zona sul, até então zona nobre da cidade, colocava em perigo a hegemonia do grupo burguês na zona sul carioca e, em especial, em Copacabana. Os financiamentos enfaticamente denunciados na reportagem tornam esse mundo (da zona sul) acessível a uma parcela mais ampla da população. Logo, não é à toa que a revista se preocupava em divulgar novos espaços de sociabilidade e de lazer das camadas burguesas, como já explicitado. O projeto civilizador difundido na revista *O Cruzeiro* não pressupunha a incorporação no sentido democrático das camadas populares, mas, sim, a direção dessas. Nesse sentido, dividir o mesmo espaço com esses grupos não fazia parte do seu projeto.

A crítica à especulação imobiliária, entretanto, não pode ser entendida dissociada do modelo de desenvolvimento econômico defendido pela revista e pelo grupo que a apoiava, vinculado à ala liberal e conservadora da elite brasileira ligada aos

setores exportadores, defensores do capital estrangeiro e contrários aos nacionalistas; ele pressupunha o combate à inflação e defendia investimentos, sobretudo, no setor primário, como notadamente podemos observar no *lead* que inicia a reportagem: “[...] bilhões de cruzeiros desviados da indústria e da lavoura para o jogo de uma valorização artificial [...]” (*O Cruzeiro*, 14 maio 1955, p. 47).

Constatamos, portanto, que Copacabana, um dos principais símbolos do *glamour* carioca, era o alvo principal das críticas feitas pela revista à cidade do Rio de Janeiro. Os efeitos do aumento da população ameaçavam moradores e visitantes. A reportagem, “Copacabana sem retoques” (*O Cruzeiro*, 5 maio 1956, p. 32), mostra o bairro, agora “visto de baixo”, evidenciando as suas “cicatrices”<sup>5</sup> (fig. 9), crítica com relação à infra-estrutura, no caso, com o sistema de esgotos que estaria desembocando na praia “mais famosa da América do Sul”. O endereço das críticas era o Poder Público que, embora estivesse realizando obras para solucionar o problema, não deveria ter deixado chegar a esse ponto.

Novamente, as imagens expressam o sentido principal da mensagem. A reforma que estava em andamento aparece no meio do texto, sem nenhum destaque, sendo que as fotografias e as legendas somente chamam atenção para o problema em questão. As fotografias são diferentes da maioria das que retratam as praias cariocas, como aquela do Arpoador, por exemplo. São impressas num tom cinzento, desvalorizando a paisagem (comparar com a imagem colorida da praia do Arpoador). A imagem inicial é uma fotografia da praia cortada por um córrego – ou melhor, esgoto? –, que lembra simbolicamente uma cicatriz, a marca negativa na paisagem. Na página central (dupla), a ilustração maior mostra uma mãe banhando um bebê no mar, onde desemboca o “córrego”, e, ao lado, duas fotos menores mostram as saídas de esgoto. O título que aparece sobre essas imagens diz o seguinte: “Atenção srs. pais: é na saída dos esgotos que vossos filhinhos, às vezes, são banhados” (*O Cruzeiro*, 5 maio 1956, p. 34-35).

---

<sup>5</sup> Termo usado na legenda que se refere à fotografia inicial. *O Cruzeiro*, 05 maio 1956, p.32.



Figura 9: Copacabana sem retoques. *O Cruzeiro*. 05 maio 1956, p. 32, 34 e 35).

As imagens do Rio de Janeiro, portanto, são emblemáticas no que se refere às questões discutidas pela revista em relação ao espaço “civilizado” do país, servindo como material para reportagens que remetam tanto à imagem de paraíso tropical, quanto à falta de planejamento diante do acelerado processo de urbanização na época.

Ainda, outra fotorreportagem aborda o problema dos transportes no Rio de Janeiro, referindo-se ao futuro “Metropolitano Carioca”, metrô carioca a ser construído (fig. 10). A fotografia maior é a da planta do metrô, ao lado de outra foto, no canto da página, de uma estação subterrânea em Nova York. Na matéria subsequente, a revista explicava através de ilustrações o método utilizado na escavação dos túneis e indicava o mapa do trajeto. Assim, a concepção que domina a cena é a de “projeto”, de “futuro”, sendo esse pautado pela técnica dos países desenvolvidos. Nas páginas finais, uma sequência de fotografias, unidas em um mesmo bloco, mostra as estações da Filadélfia, de Moscou, Chicago e Nova York, e, no título, o apelo: “Quase todas as grandes cidades do mundo têm seu metrô, o Rio anda de Bonde” (*O Cruzeiro*, 8 set. 1955, p. 63). O confronto entre atraso versus civilização era a pauta da reportagem, a qual exigia a atuação dos responsáveis para a plena superação da “fase dos bondes”.



Figura 10: “O Metropolitano Carioca”. *O Cruzeiro*, 8 set. 1956, p. 63.

A ideia da necessidade do metrô no Rio de Janeiro foi sendo reforçada nas reportagens posteriores que descreviam o caos em termos de transportes, como na matéria sobre os *trens elétricos*, repleta de imagens de trens superlotados e de pessoas disputando os mínimos espaços, bem como a correria delas na entrada do trem. Percebemos que uma grande quantidade de imagens, ocupando todo o espaço das páginas, ajuda a passar a impressão de “aperto” descrita, juntamente como texto que conta a história pessoal de um trabalhador, descrevendo o tempo que ele perdia diariamente para se locomover e relacionando a questão do transporte à produtividade, imperativo para o pleno desenvolvimento capitalista do país.

De maneira geral, podemos dizer que as críticas feitas nessas reportagens direcionavam-se ao poder público o qual deveria tomar medidas para promover um crescimento mais ordenado, dentro dos moldes do mundo civilizado. O crescimento, em si, nunca era questionado; ao contrário, era incentivado.

O Rio de Janeiro, na visão da revista, vivenciava uma crise de crescimento, enfrentando problemas conjunturais que deveriam ser superados para o pleno ingresso à civilização. As mudanças, antes de mais nada, deveriam passar pela cultura, nesse caso, por aquela adotada pela burguesia do mundo ocidental. Nesse sentido, defendia-se a hierarquização dos espaços, explícito no caso do Rio de Janeiro (Zona Sul, Zona

Norte, Morros), como os espaços de sociabilidade e de lazer que passavam por esse processo, criando e divulgando novos locais de encontro na medida em que os populares avançavam sobre os tradicionais redutos burgueses.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível, portanto, identificar no discurso visual da revista, expresso nas fotorreportagens, a ideia-chave que permeou o imaginário da década de 1950, ou seja, a representação da dicotomia atraso versus desenvolvimento do Rio de Janeiro. De um lado, representava o paraíso tropical, imagem símbolo do país; de outro, o caos urbano, decorrente do crescimento acelerado vivenciado pelo país na época. As duas imagens, entretanto, eram faces da mesma moeda, ou seja, da consolidação da sociedade burguesa capitalista no Brasil.

As reportagens evidenciaram uma preocupação com o comprometimento da imagem símbolo do Rio de Janeiro que estaria ameaçada pelo crescimento desordenado. As denúncias de problemas em Copacabana, reduto por excelência das elites e da classe média cariocas, sinalizaram a esses grupos a necessidade de providências, como é o caso da veiculação das imagens dos projetos para o metrô carioca e sua comparação com as maiores cidades do mundo, que evidenciam esse propósito. Contudo, as reportagens não questionavam o crescimento, mas, sim, mostravam esses problemas à sociedade como passíveis de serem superados com a adoção de medidas racionais de organização do espaço, próprias do mundo desenvolvido.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões**: entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CELSO, Afonso. **Porque me ufano do meu país**. 8. ed. Rio de Janeiro: Garnier, [19--?].
- GAVA, José Estevam. **Momento Bossa Nova**: arte, cultura e representação sob os olhares da revista *O Cruzeiro*. Tese (Doutorado em História). 2003. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade do Estado de São Paulo. Assis. Disponível em: <<http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital/document/?view=2504.p.41>>. Acesso em: 22 maio 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Memórias do Rio de Janeiro. In: Oliveira, Lucia Lippi de (org.). Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- RESENDE, Vera F. Planos e regulação urbanística: a dimensão narrativa das intervenções na cidade do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002.
- SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.